

A mística na luta pela terra

Antônio Alves de Almeida

Mestrando em Ciências Sociais pela PUC de São Paulo

Endereço profissional: Av. Manoel Pedro Pimentel, 155. Ap. 143, Bloco 4E, Condomínio Acácias, Jardim Wilson, 06020194 – Osasco, São Paulo, Brasil.

Telefone: (11) 3681-8000

Endereço eletrônico: tony.hist@bol.com.br

Por detrás dos mitos e ritos, cerimônias mágicas e benzimentos, procissões e promessas, podemos perceber os contornos, ainda que tênues, do homem que espera uma nova terra, um novo corpo. E seus sonhos religiosos transformam-se em fragmentos utópicos de uma nova ordem por construir.

Rubem Alves

Resumo

Este artigo se insere em uma pesquisa de mestrado intitulada *As Lutas Pelas Terras do Senhor: A Comissão Pastoral da Terra no Estado de São Paulo (1990-2000)*, e busca analisar os usos e significados dos símbolos e da mística pela Comissão Pastoral da Terra (CPT) na luta e conquista da “terra prometida”. Os símbolos de maior visibilidade são: a terra, a água, a cruz e a Bíblia. Eles fazem parte do cotidiano, do universo objetivo e subjetivo dos lavradores. Assim, permitem, segundo os agentes de pastoral, uma assimilação mais rápida por esses homens e mulheres da sua representatividade e do seu vigor na mística.

Palavras-chave: mística, símbolos, terra, CPT, Igreja Católica.

Resumen

La mística en la lucha por la tierra

Este artículo se inserta en una pesquisa de maestría intitulada *Las Luchas Por Tierras Del Señor: La Comisión Pastoral de la Tierra en el Estado de São Paulo (1990-2000)*, y busca analizar los usos y significados de los símbolos y de la mística por la Comisión Pastoral de la Tierra (CPT) en la lucha y conquista de la “tierra prometida”. Los símbolos de mayor visibilidad son: la tierra, el agua, la cruz y la Biblia. Ellos forman parte del cotidiano, del universo objetivo y subjetivo de los campesinos. Así, permiten, según los agentes de pastoral, una asimilación más rápida por esos hombres y mujeres de su representatividad y de su vigor en la mística.

Palabras claves: mística, símbolos, tierra, CPT, Iglesia Católica.

Abstract

The mystic in the fight for the land

This article is inserted in a master’s research entitled *The Fight for the Lord’s Land: The Land Pastoral Commission of the State of São Paulo (1990-2000)*, and aims to analyse the uses and meanings of the symbols of the mystic for the Land Pastoral Commission (LPC) in the fight and conquer of the “promised land”. The most visible symbols are the land, the water,

the *cross* and the *Bible*. They make part of the daily life, of the objective and subjective universe of the ploughmen. Thus, according to the pastoral agents, it permits to these men and women a faster assimilation of their representativeness and vigour in the mystic.

Key-words: mystic, symbols, land, CPT, Catholic Church.

A análise da categoria *mística* é dificultosa, é em si um tema mais complicado que outros no universo teológico. Isto se dá em decorrência de alguns fatores: 1) A mística não é universal, são fenômenos particulares, lingüísticos, inseridos em um determinado contexto histórico-religioso, assim não existe mística, mas sim místicas; 2) É muito difícil para alguém contemporâneo (inserido na academia) abordar o tema da mística porque a rigor não acredita na mística; 3) os sujeitos que a praticam afirmam que é algo que não se explica, a única forma de saber o que ela é realmente é sentindo-a, vivendo-a. Nesta perspectiva Bogo (2002, p. 20) afirma que “[...] esta força inexplicável que há dentro do coração de cada lutador ou lutadora não é para ser explicada com palavras, mas vivida, sentida e transformada em rebeldia, para derrotar os poderosos e libertar a vida de todas as amarras e torturas.”

Mesmo assim, com as devidas limitações acima citadas, farei uma abordagem sociológica do vigor e do uso da mística na Comissão Pastoral da Terra (CPT)¹ na luta pela terra, pela água e pelos direitos, seus limites e potencialidades, considerando, evidentemente, o contexto sociocultural e religioso em que a mesma se desenvolve.

Destarte, entendo que é significativa a definição da categoria *mística*. Segundo o verbete do Dicionário da Língua Portuguesa Novo Aurélio, mística significa: “1. O estudo das coisas divinas ou espirituais. 2. Vida religiosa e contemplativa; misticismo. 3. Crença ou sentimento arraigado de devotamento a uma idéia, causa, clube, etc. 4. Essência doutrinária: a mística liberal.”

As lideranças expressivas da CPT, em grande parte “intelectuais orgânicos”, teólogos e clérigos adeptos à Teologia da Libertação, entendem a mística como mistério. Para Boff (1999, p. 11) “começamos por esclarecer a palavra mística, pois ela já nos introduz nas características deste caminho de encontro com Deus. Mística é um adjetivo (em grego *mystikós*) da palavra mistério (*mistérion*)”. Mas é um mistério, segundo Boff, que não equivale a enigma que, decifrado, desaparece. Ao contrário, quanto mais se decifra, mais misterioso fica. A ansiedade de buscar mais, no mundo da utopia, é algo que não se esgota nunca. Através do mundo real e do imaginário², os integrantes da CPT entendem que é possível vislumbrar a reforma agrária, a “terra prometida” por Javé e a cidade santa, a Nova Jerusalém.

Para o padre assessor da CPT no Estado de São Paulo, Antônio Ferreira Naves “mística é uma palavra do grego que significa fechar os olhos para enxergar longe [...] para poder ver a reforma agrária [...] para poder ver as coisas belíssimas, as estrelas, as árvores, as plantas”. (Entrevista concedida em 12/07/2003).

A compreensão da prática e dos usos da mística na CPT na luta pela terra está diretamente relacionada à sua identidade, eminentemente cristã, ao tipo de serviço que ela desenvolve desde a sua gênese: assessoria, apoio jurídico, formação política e teológica etc. Nessa ótica, Ivo Poletto esclarece:

A CPT é, em si mesma e desde o começo, uma expressão mística, uma animação para colocar em prática a radicalidade do amor e da construção

¹ A CPT é uma das várias pastorais da Igreja Católica, foi formada com caráter ecumênico, no mês de junho no ano de 1975 em Goiânia, com a participação dos bispos, padres e pastores protestantes das igrejas das regiões norte e centro oeste do Brasil.

² O imaginário, o dom, o universo simbólico é analisado por Godelier (2001). Ver também Castoriadis (1982).

da justiça e da paz proposta e vivida por Jesus Cristo e presente na palavra das suas igrejas. Ela foi, para muitas comunidades, um tipo de sinal levantado, uma convocação para aproximar-se e colocar-se a serviço dos caídos nos diferentes caminhos da realidade rural brasileira. (Entrevista concedida em 15/09/2002).

A mística na CPT é compreendida por seus integrantes essencialmente como um mistério, ancorada no amor a Deus, na fé, na Santíssima Trindade, na espiritualidade, na profecia, na justiça, na dignidade da pessoa humana que é reconhecida como imagem e semelhança de Deus. Dom Pedro Casaldáliga entende que “[...] a mística tem que envolver a pessoa toda. [...] A mística é muito mais que uma linha, uma diretriz, na CPT. Deve permear as diretrizes. É opção, é atitude, é vivência. Evidentemente, estamos nos referindo à mística cristã – católicos ou evangélicos das diferentes igrejas. Então, vivenciar esta mística cristã, em profundidade.” (Boletim da CPT, Ago./Set. 95, p. 5).

À semelhança de Casaldáliga, a compreensão sobre a mística do Frei Wilson Dallagnol (2001:112) é a de que “não se trata simplesmente da ‘mística da terra’ enquanto tal, mas da pessoa humana que está envolvida com esta terra, por ela luta para conquistá-la e a ela reverencia quando a tem. É aquele ato de amor e reverência ao Criador da terra”.

Inspirada no amor a Deus, dono da terra e de tudo que nela existe, há a compreensão na entidade que a construção do Reino (de Deus) inicia-se aqui, um reino em que não haverá concentração de terras e de riquezas, não haverá injustiças e tudo será produzido respeitando as reais necessidades do homem e da mulher, da criança e do idoso, e não a lógica do lucro e da riqueza no molde capitalista, não haverá, portanto, exploradores e nem explorados.

A mística, a fé no Deus dos pobres é a mola propulsora para a realização desse projeto utópico³ transcendente. Sem essa substância físsil a CPT tende a alterar a sua orientação, e como uma entidade religiosa, se perder a transcendência do divino, do sagrado, tornar-se-á eminentemente política, quase não se diferenciando de movimentos sociais, sindicatos do meio rural ou de Organizações Não Governamentais (ONGs).

O uso da mística nessa entidade cristã dá-se em diferentes contextos rurais, individual e coletivo, sempre associada a uma diversidade de símbolos. Nas pesquisas de campo pude participar e observar o ritual da mística, a sua respectiva preparação, a escolha dos objetos e dos símbolos para o rito, o seu desenvolvimento e a atuação dos participantes; a respeito disso retornarei posteriormente.

Os símbolos são largamente utilizados pelos homens e mulheres, jovens e idosos na mística coletiva. Para eles é difícil imaginar uma celebração, uma reunião, uma assembléia, uma ocupação de terra, que não irá se praticar a mística, e naturalmente esse processo é mais ou menos intenso em consonância com o grau de intensidade religiosa das lideranças e dos trabalhadores de cada região. Mas antes de descrever o ritual com a sua respectiva simbologia, é significativo a compreensão do que é o símbolo⁴, o que ele representa e quais os que são utilizados na CPT.

A reflexão sobre os símbolos, seus usos e significados, tem longa tradição nas Ciências Sociais. Tal reflexão geralmente objetiva, em última instância, a compreensão do ethos ou as cosmovisões de determinados grupos. A reflexão sobre esses objetos tem demonstrado, entre outros, a universalidade de alguns, as resignificações de outros, suas aproximações e distanciamentos.

As interpretações desses símbolos têm nos mostrado, entre outras possibilidades, suas resignificações constantes, oscilando em consonância com a religião e a cultura local.

³ Rubem Alves (1999:109) afirma que “utopias se referem a algo que não se encontra em lugar algum (do grego ou = não + topos = lugar). (...) São as classes sociais oprimidas que, não encontrando satisfação para seus desejos em sua “topia”, emigram pela imaginação para uma terra inexistente onde suas aspirações se realizarão. Sua atividade política se torna, então, peregrinação na direção da terra prometida, construção do mundo que ainda não existe”.

⁴ Os símbolos da CPT são em sua grande maioria símbolos bíblicos; para uma compreensão mais detalhada referente a simbologia e o seu significado, ver a obra de Girard (1997) .

Assim, o discurso religioso tem a proeza de transformar objetos, entidades brutas e vazias em portadoras de sentido, logo, passam a fazer parte do universo humano, tornam-se extensões das pessoas.⁵

O conceito de símbolo, além de amplo, também é polissêmico. Nesse sentido, a contribuição de autores como Girard torna-se relevante na compreensão do conceito e da concepção dos símbolos. Segundo Girard (1997, p. 26):

'Símbolo' provém do termo grego *symbolon*, derivado do verbo *sym* – *ballein*, que, em seu sentido primeiro, significa 'lançar com, pôr junto com, juntar'. Daí decorrem alguns sentidos que nos interessam de modo particular: 'comparar, trocar, encontrar-se, explicar'.

Para começar, a etimologia nos ensina que o símbolo implica, primeiramente, uma dualidade; depois, uma unificação: juntas duas coisas, formando uma só; chega-se ao denominador comum de duas coisas, comparando-as; duas pessoas assumem um compromisso mútuo por contrato. Em todos esses casos a unificação se faz não por redução à unidade ou por fusão, mas por ajustamento: "lançados com" ou "postos juntos", dois pedaços de quebra-cabeça, duas coisas comparadas, duas pessoas que contraem matrimônio não perdem totalmente sua individualidade; não obstante, são feitas para estar junto.

Nesse plano, o verbete *símbolo* da enciclopédia Mirador Internacional (1977, p. 10419) traz uma afirmação significativa:

Se a função do símbolo consiste em simbolizar, a função de simbolizar consiste em apresentar ou em 're-apresentar', por meio de determinado objeto, outra realidade, diversa e irreduzível ao objeto que funciona como símbolo. Ao representar ou sugerir, ou insinuar, determinada realidade, o símbolo substitui-se a ela, assinalando a impossibilidade de apreendê-la e eximi-la diretamente. O símbolo é, portanto, uma mediação, que relaciona duas realidades heterogêneas que, com exclusão da representação simbólica, não poderiam ser ligadas uma à outra.

Os símbolos podem ser de diferentes categorias e ordens de realidades, sagrados ou profanos, correspondendo ao momento histórico e cultural em que foi estabelecido. Possuem a capacidade de produzir uma síntese entre compreender e sentir o mundo. A religião nesse aspecto exerce um papel importante. Para Rubem Alves (1999, p. 24) a religião é "teia de símbolos, rede de desejos, confissão da espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretenciosa tentativa de transubstanciar a natureza".

A cultura camponesa, mesmo considerando as suas nuances, a sua diversidade e a sua especificidade regional, ou até mesmo em âmbito local, é permeada por um universo muito rico de símbolos. Para a CPT, o trabalhador rural, a sua cultura, o seu modo de vida, os seus símbolos devem ser respeitados e valorizados. Nessa ótica, Marcelo de Barros Souza e José L. Caravias (1988, p. 391) esclarecem que "em vários países, a Pastoral da Terra tem revalorizado os elementos da cultura dos lavradores, seus cânticos e suas histórias, seus ritos e sua medicina. Não faz isso como tática de conquista, ou mera concessão de simpatia. É a redescoberta da riqueza real dessa cultura, sem a qual os lavradores não serão eles e não se libertarão".

A compreensão destes dois teólogos no que tange a revalorização da CPT aos elementos da cultura dos lavradores não é compartilhada pelo professor Dal Corso (1996:116). Ele afirma, citando Gonzalez e outros, que há "para um catolicismo do livro e da escrita, um catolicismo da tradição oral e das lembranças; para um catolicismo que quer argumentar sobre Deus, outro catolicismo que quer escutar a Deus; para uma organização católica oficial de denúncia e militância, há uma organização católica popular festiva e

⁵ Para uma compreensão mais detalhada conferir a tese de doutorado de Paulo Bassani intitulada *Núcleo de Assalariados Rurais Temporários: Lugar de Resistência e de Descoberta*. (PUC-SP, 1999).

devocional”. Há, portanto, segundo o professor, um descompasso entre o discurso dos militantes da CPT e a prática dos fiéis. Isso é muito transparente nas romarias, essas têm um sentido duplo, um sentido para os militantes e outro para o camponês.

O problema é que a mesma romaria tem duplo sentido, um para os militantes e outro para o camponês, o camponês vai como romeiro normalmente, não? Ele canta o canto da libertação, entretanto prega o São Francisco e continua rezando os seus santos e pagando promessa. E o militante utiliza a romaria entretanto como um espaço mais bem político. (Entrevista concedida em 31/07/2003)

A análise do professor Marco Dal Corso é significativa na relação das lideranças da CPT com a romaria e a prática dos fiéis. Nas observações de campo, nos eventos em que participei, na romaria no Pontal do Paranapanema, nas conversas e entrevistas informais que estabeleci com os romeiros de diferentes regiões do Estado de São Paulo pude constatar esse fato, assim as minhas análises são convergentes com a do professor acima citadas. Entretanto, é importante destacar que nos últimos anos tem havido um esforço da CPT em dar uma formação mais ampla aos agentes de pastoral para solucionar esse descompasso, mas, evidentemente, essa não é uma questão de fácil equacionamento, é um processo longo, que passa pela mudança de mentalidade e até mesmo de cunho cultural, haja vista que parte dessas lideranças não possuem valores da cultura camponesa.

Mas retornemos à simbologia. Os símbolos que a CPT utiliza nos eventos e na mística que ela organiza ou ajuda a organizar em eventos de outras entidades como o MST, a CONTAG, sindicatos e etc. são os símbolos bíblicos. Entre os de maior visibilidade merecem destaque *a terra, a água, a cruz e a Bíblia*. Esses fazem parte do cotidiano, do universo objetivo e subjetivo dos lavradores, assim permitem (segundo os agentes de pastoral) uma assimilação mais rápida por esses homens e mulheres da sua representatividade e também do seu vigor na mística. A CPT procura sempre utilizá-los nos diferentes eventos e na mística como motivação para os trabalhadores lutarem pela conquista da terra, da água e dos direitos. Isto é colocado em relevo, com intensa participação de diferentes sujeitos, nas romarias da terra e das águas, onde fé e política se mesclam.

Nessa ótica, é significativa a compreensão de Ivo Poletto:

É por isso que os primeiros símbolos – como por exemplo, a Cruz com um pano branco nascendo do chão como uma árvore viva – surgiram como expressão da religiosidade dos participantes em lutas concretas: como leitura cristã do sentido martirial de um assassinato e, depois, de todos os assassinatos por causa da luta pela terra. Da mesma forma, a Romaria da Terra, tão generosa na criação de símbolos, diferentes conforme a religiosidade de cada região, teve duas origens populares ligadas à terra: no Rio Grande do Sul, à memória de Sepé Tiarajú e seu povo, dizimado quando decidiu permanecer na terra; na Bahia, às raízes da Romaria de Bom Jesus da Lapa, que junta a vivência da fé com as promessas do São Francisco e as agruras do semi-árido. Ligando-se cada ano a uma situação, a uma iniciativa, com seus limites e seu potencial, essas Romarias têm sido, em muitas regiões, um dos momentos mais marcantes e criativos de reforço à mística que a própria Pastoral da Terra já é. Em outras regiões, sua celebração em *santuários populares* tem sido fonte de renascimento para muitos romeiros e romeiras, bem como enriquecimento da mística pastoral da terra por meio das riquezas religiosas e culturais na vida das comunidades rurais das diferentes regiões. (Entrevista concedida em 15/09/2002)

Em uma análise mais detalhada das palavras de Poletto é possível depreender a importância que a CPT dá aos símbolos que surgem como expressão da religiosidade popular; aos mártires na luta pela terra no processo histórico; às romarias que permitem a

criação de novos símbolos e à relação da fé com as águas dos rios. As romarias, ainda segundo Poletto, enriquecem a mística da Pastoral da Terra.

A valorização da mística nessa pastoral da Igreja Católica deu-se desde a sua gênese. Os símbolos surgiram paulatinamente e foram incorporados ao processo histórico da entidade, ora pelas lideranças, ora pelos trabalhadores rurais. Nas palavras do membro da coordenação da CPT nacional Roberto Malvezzi (Gogó):

É, vem desde o começo, a mística vem desde o começo. A simbologia ela foi sendo construída eu acho que no processo, eu não sei mas eu acho que o símbolo mais comum da CPT em todos os encontros que eu vejo por aí é uma cruz, é um pouco de terra e hoje a água junto, eu acho que isso é sempre, ou então uma fotografia de alguém que morreu, uma lembrança, um mártir, então essa memória dos mártires, o evangelho, a simbologia da cruz, da terra e da água são os nossos símbolos mais cotidianos que estão nas nossas celebrações, nas nossas místicas, enfim no andamento da vida da CPT. (Entrevista concedida em 08/01/2004)

Na compreensão das lideranças entrevistadas, nos documentos que tive acesso, constatei que a CPT já nasceu com a mística da cultura camponesa, ela é intrínseca à sua identidade, resulta desse modo de ser, dessa espiritualidade, do ethos do universo do povo camponês. Os símbolos foram incorporados paulatinamente em consonância com a cultura local no processo de estruturação da CPT no Brasil. Nessa ótica, a compreensão do assessor da CPT do Estado de São Paulo, o padre Severino Leite Diniz é relevante para a compreensão da incorporação da simbologia e da mística na entidade:

A CPT é de certa forma o resultado da mística e da espiritualidade do homem do campo, ela é o resultado disso, a CPT é fruto desse jeito de ser, de rezar e de contemplar Deus na terra e nas lutas camponesas, a Igreja olhou, viu, estudou que tinha um jeito diferente de celebrar, de compartilhar a vida, de louvar a Deus a partir da terra, e aí a CPT encontra na Bíblia esses textos, e a CPT é resultado disso, dessa relação bíblica, teológica que alguns teólogos e pastores e padres e bispos fizeram da leitura do homem da terra, do Deus da terra. [...] Os símbolos foram sendo incorporados, foram aos pouco surgindo, foi olhando que o homem do campo tinha alguns símbolos que era muito forte pra ele como o chapéu, a enxada, as coisas que diz respeito à vida dele no dia-a-dia e que isso encarna a mística do homem do campo que ele ao ver esses símbolos ele se sensibiliza e ele louva a Deus com mais força, então a CPT foi incorporando. (Entrevista concedida em 10/01/2004)

Na visão das lideranças da CPT, entre a pluralidade de símbolos utilizados por essa pastoral (as matas, as sementes, os alimentos produzidos pela terra, o pão, a bandeira em nível local, os cânticos, os instrumentos de trabalho como a enxada, o facão e a foice, a terra, a cruz, a água e a Bíblia), o mais significativo depois do ser humano, é a *terra*. Nas mais diferentes atividades organizadas ou apoiadas pela Comissão Pastoral da Terra há a presença material ou imaginária dos símbolos, e com relevo, a terra.

A percepção dos agentes de pastoral é que a terra é mais do que terra, é pacha-mama⁶ (mãe-terra), fonte de vida. A terra é percebida como símbolo de relação com o elemento feminino e, respectivamente, possui profunda capacidade de maternidade. Souza (1988, p. 83) afirma que “a Pacha-mama é intuída como um grande seio materno fecundo, que abriga ao mesmo tempo todos os seres vivos e proporciona o sustento necessário para todos”.

A terra sendo compreendida dom de Deus, como mãe para servir a todos os seus filhos e filhas, assume aspecto de sacralidade, portanto, não pode ser privatizada, comercializada ou utilizada para outros fins que não geram vida. Caso essa situação

⁶ Sobre o conceito pacha-mama ver Souza & Caravias (1988).

ocorresse seria cometido pecado. Nessa perspectiva a CPT considera o latifúndio⁷ como pecado. O Jornal dos Trabalhadores Sem Terra de abril de 2003 trouxe na capa a afirmação de Dom Pedro Casaldáliga “apoiamos a luta contra o latifúndio. Malditas sejam todas as cercas que impedem o homem de viver e amar”. Essa compreensão é fundamentada na Bíblia, principalmente nos livros do Antigo Testamento, são inúmeras as passagens bíblicas destacadas pelas lideranças da entidade onde os representantes de Deus na terra – os profetas – explicitam a relação de Deus com a terra e o seu povo⁸. Nessa perspectiva, é significativa a compreensão do bispo auxiliar de Curitiba e vice-presidente da CPT, Dom Ladislau Biernaski:

A terra é um Dom de Deus para todos os seus filhos e filhas. Por isso, quando ela é negada sob qualquer forma de posse absoluta e arbitrária exclusivamente para vantagem própria, comete-se um grande pecado contra a vontade de Deus. A Bíblia, pela boca dos profetas, condena as injustiças praticadas por aqueles que proíbem aos pobres e camponeses o acesso à terra, escravizando-os e impondo-lhes miséria, violência e injustiça. (Boletim da CPT. Mar./Abr./Mai./99. p. 12.)

Além da terra, a utilização e a percepção da água⁹ como símbolo da vida foi se ampliando e se fortalecendo a partir do final da década de 1990, embora a mesma já fosse utilizada nos eventos, nas romarias, nas celebrações, na mística, anterior a esse período. Desta maneira, os esclarecimentos do bispo da CPT de São Félix do Araguaia, Dom Pedro Casaldáliga, são relevantes quando ele afirma:

Não éramos tão simplistas, como se tem dito. Nunca pedimos só terra. A prova disso, é a própria primeira carta pastoral. Contestávamos a marginalização social, problemas de saúde, educação, comunicação, assistência técnica. Tanto o CIMI como a CPT, praticamente nunca tiveram que modificar as suas diretrizes fundamentais. É lógico que matizamos, sublinhamos aspectos novos, mas aquela intuição primeira foi lúcida e válida por um longo futuro. (Boletim da CPT. Ago./Set. 95. p. 4).

Na literatura produzida pela CPT, na segunda metade da década de 1990, percebe-se a ênfase na água, a sua intensa utilização e importância nas romarias, a começar pelo nome escolhido das romarias: romaria da terra e das águas¹⁰. Também houve e há as denúncias feitas pela CPT referentes ao desperdício, sua má utilização, contaminação, privatização e mercantilização.

A matéria produzida pelo agente de pastoral da CPT Juazeiro-Bahia, Maria Salete Pereira, atesta a relevância ao uso social que a entidade passou a conferir à água:

Até 2004 nenhuma família sem água.

A campanha **Até 2004 nenhuma família sem água – adote uma cisterna**, lançada no dia 14 de novembro, é uma iniciativa da Diocese de Juazeiro (BA). Mas outras dioceses da Bahia e de todo o nordeste, a partir de experiências realizadas em Juazeiro estão também investindo na proposta

⁷ Há uma ampla bibliografia referente à categoria latifúndio. Para a compreensão da concepção de latifúndio na CPT ver a obra de Stedile (2000).

⁸ Nesse plano conferir o importante trabalho teórico e empírico de autoria de Roy H. May (1986).

⁹ Sobre a concepção da água como símbolo da vida e os projetos da CPT para a região do semi-árido brasileiro, entre outras regiões do país, há um livro acompanhado de um CD intitulado, *Água de Chuva: O Segredo do Semi-Árido Brasileiro*. São Paulo: Paulinas, 2001. Um outro livro bastante significativo foi organizado pelo padre José Oscar Beozzo, intitulado *Curso de Verão – Ano XVII: Água é Vida, Dom de Deus e Responsabilidade Humana*. (São Paulo: CESEP, Paulus, 2003).

¹⁰ A 7ª. Romaria da Terra e das Águas foi organizada pela CPT da Grande São Paulo e realizada no dia 27/07/2003 no município de Rosana, no Pontal do Paranapanema-SP, onde se enfatizou “terra, água e pão”.

e têm seus projetos de captação da água da chuva. (Boletim da CPT. Ago./Set./Out./ 99. p. 11).

A incorporação definitiva da água como símbolo da vida pela CPT estimulou a sua respectiva utilização na mística. Em outras palavras, ampliou e fortaleceu a espiritualidade ecológica dos seus membros e permitiu a ampliação do seu leque de reivindicações perante os órgãos governamentais e perante organismos da sociedade civil, a favor dos homens e das mulheres pobres da terra.

Nas pesquisas de campo participei de vários eventos e atividades: encontros das lideranças do MST com a presença da CPT do Estado de São Paulo; encontro das lideranças do MST no Vale do Paraíba; assembléia Estadual da CPT na cidade de Lins; missa nos assentamentos no município de Promissão-SP; missa na cidade de Rosana-SP com a presença de três padres e do bispo responsável pela CPT no Estado de São Paulo, Dom Maurício Grotto de Camargo; Romaria da terra e das águas no município de Rosana-SP; curso de verão na PUC-São Paulo que teve como tema “água é vida: dom de Deus e responsabilidade humana”. Nesses eventos pude observar e analisar como se dá a utilização dos símbolos e da mística na CPT, e em um espectro mais amplo na Igreja Católica.

Na pesquisa empírica pude compreender como se dá o processo da mística na entidade e também no MST. É importante destacar que além dos símbolos, o preparo, o rito, a participação dos fiéis e os desdobramentos da mística varia de região para região. Há, entretanto, elementos comuns como: a leitura da Bíblia, o uso de produtos da terra e os cânticos de libertação.

Os símbolos utilizados são os já sublinhados anteriormente, esses são recolhidos no meio rural e/ou trazidos pelas lideranças ou por pessoas escolhidas por essas. Normalmente são organizados no chão ou sobre um altar improvisado. O ritual da mística coletiva pode acontecer na abertura, durante ou no final do evento ou atividade.

Em âmbito geral acontece a leitura da Bíblia iluminada por uma vela, onde se faz analogia do texto com a realidade dos trabalhadores. Os cânticos falam da “realidade” da América Latina, do cotidiano dos povos da terra, da fauna e da flora, das águas, dos direitos, da “terra prometida” por Javé ao seu povo.

A cruz está presente sob diversas formas: em desenhos, confeccionada em madeira, com um desenho do trabalhador sobre a mesma, utiliza-se terra umedecida com água para fazer o sinal da cruz na testa de todos os presentes, assim ratifica-se a aliança de Deus com os seus filhos na conquista da terra.

Há frases e poesias recitadas que fazem alusão aos mártires dos conflitos de terras, com destaque para o padre Josimo¹¹. Fotografias e certidão de óbito destes são expostas. A leitura de textos valoriza os mitos, os líderes e o seu povo que lutaram contra os poderosos (elite). Na História do Brasil e da América Latina temos: Antônio Conselheiro, Zumbi de Palmares, Sepé Tiarajú (líder guarani assassinado por uma aliança hispano-portuguesa em 1756), Che Guevara e Fidel Castro, entre outros.

Entendem as lideranças que a prática da mística tem um papel fundamental, em termos individuais e coletivos, nas lutas de massa, nas comemorações e celebrações, nas alegrias, nas derrotas e nas vitórias. Tem o papel de animar, de revigorar para novas e maiores lutas. De uni-los e fortalecê-los. Tem ainda, o papel de dar consistência ideológica no cotidiano e nos eventos.

O entendimento dos agentes de pastoral é que com a mística os trabalhadores se sentem mais encorajados a continuarem a luta pela terra, pela água e pelos direitos, por

¹¹ O padre Josimo Moraes Tavares, coordenador Diocesano da CPT de São Sebastião do Tocantins foi assassinado no dia dez de maio de 1986 com um tiro nas costas. Ele recebia várias ameaças de morte por parte dos jagunços a mando dos grileiros e latifundiários. Considerado um ícone entre os mártires nos conflitos na questão agrária, para entender a sua história ver o livro coordenado por Dermi Azevedo intitulado *Pe. Josimo: A Velha Violência da Nova República*. (São Paulo: Icone, 1986).

justiça social. A percepção de que são filhos de Deus é ressaltada, o que lhes possibilita ver o outro como irmão.

Para a coordenadora da CPT do Estado de São Paulo (na década de 90) Maria de Lourdes Pereira, a Lurdinha, “a mística e a espiritualidade, são elas que sustentam a nossa fé, nos anima na caminhada trazendo para a oração os símbolos da nossa realidade, que nos faz mais irmãos, mais fraternidade, solidariedade, nos faz comprometidos ainda mais uns com os outros no dia-a-dia”. (Entrevista concedida em 16/01/2004)

Assim como nas romarias da terra, na mística a fé e a política estão imbricadas, a conquista da terra e a utopia do reino (de Deus) estão alicerçadas no religioso, na espiritualidade.

No percurso dessa pesquisa pude observar e constatar que, mesmo a mística sendo motivacional para a CPT alcançar ou continuar lutando por seus objetivos, seu uso está em declínio. Nos acampamentos, assentamentos, encontros, cursos, assembléias estaduais, há um relativo desânimo na organização e na participação dos trabalhadores. Isto se dá pelo descompasso que explicitarei anteriormente e por outros fatores como a diminuição e /ou a perda da fé como analisarei posteriormente.

A partir de meados da década de 1990 a respectiva utilização e eficácia da mística entraram em declínio, e esse fato é reconhecido por lideranças de visibilidade da CPT. Nas suas análises, a explicação para tal fenômeno gravita em torno da globalização, do neoliberalismo, de um mundo massificado com um individualismo e um imediatismo exacerbados, e a procura da parte das pessoas carentes e marginalizadas por soluções fáceis para os seus problemas. Nessa perspectiva Dom Mauricio Grotto de Camargo afirma:

[...] nós estamos dentro de um mundo globalizado, massificado, o individualismo é muito grande, o relativismo, a fragmentação também está sendo uma das características desse mundo pós-moderno, globalizado, então eu diria que não é só a utilização da mística que está em declínio não, o próprio movimento popular está sentindo dificuldade hoje de mobilizar as pessoas mais necessitadas, marginalizadas, carentes [...] justamente por causa da sedução muito forte, a possibilidade de você resolver o seu problema individualmente [...] por exemplo, o caminho das drogas, o caminho do tráfico de drogas [...] então tem tantas seduções, cada um tentando ganhar na loteria, numa ou outra loteria. [...] a mística não está ocupando o primeiro lugar não, infelizmente não [...] hoje o que está ocupando o primeiro lugar é uma certa pressa, um certo imediatismo de tentar conquistar logo os ideais de reforma agrária, de reforma agrícola, de posse de terra, o imediatismo de conseguir logo um assentamento e resolver logo um problema, digamos imediato, da fome, do trabalho, do sustento etc. Então, eu dou nesse caso, eu dou o braço a torcer, nós estamos, a CPT está carente sim de promover, de promover mais o aspecto místico no seu trabalho. (Entrevista concedida em 26/07/2003).

Além dos aspectos acima destacados pelo bispo, entendo também que há um elemento de fundo que é a fé. Os trabalhadores onde pesquisei estão perdendo a fé, paulatinamente, no “Deus dos pobres”. Parte deles estão migrando para outras religiões, para um segmento religioso onde predomina a “Teologia da Prosperidade”¹². Migram para outros deuses como o mercado e o individualismo, como afirmou o bispo Dom Mauricio Grotto de Camargo.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou dados preliminares do Censo 2000, coletados em 0,24% dos domicílios do país (108.989 moradias). No quesito

¹² “Uma característica da atuação de igrejas neopentecostais, mais jovens dentro da tradição religiosa, é a chamada ‘teologia da prosperidade’, que vincula a benção divina ao sucesso material. Dentro dessa visão, o bem-sucedido é o abençoado por Deus. (...) É o desafio do neoliberalismo consumir. Igrejas evangélicas têm sucumbido a isso.” (Jornal Folha de S. Paulo, 14/12/2003, p. C8).

religião, o catolicismo está em baixa. No censo de 1991, os católicos representavam 85,7% da população brasileira. O índice decresceu em 11,9%. Agora, são 73,8%. Ainda são maioria: 125 milhões de brasileiros. Os evangélicos tiveram um aumento de 70,7%. Representavam 9,05% da população em 1991. Subiram para 15, 45%. Em números absolutos, duplicaram de 13 milhões de fiéis para 26 milhões. Nessa direção, é relevante a afirmação do bispo católico Dom Pedro Luiz Stringhini “fizemos a opção pelos pobres, e eles fizeram a opção pelos pentecostais” (...) O bispo pondera que, talvez, a igreja tenha sido muito politizada e sofisticada. ‘O povo não entendia expressões como ‘compromisso social da fé’, ‘engajamento pastoral’. As pessoas não gostaram de nosso jeito”. (Jornal Folha de São Paulo, 14/12/2003, p. C8). Diante desse quadro, com a difícil equação de relacionar fé e política, a CPT está perdendo a característica de pastoral e da mística cristã. A compreensão de Ivo Poletto é muito significativa nessa questão:

Mesmo continuando como uma força mística, motivacional, enriquecida por reflexões bíblicas e teológicas, a Pastoral da Terra pode ter perdido um bocado dessa sua característica, passando a ser, algumas vezes, uma mediação mais burocrática, mais parecida com uma ONG do que com uma mística cristã. Em que me firmo para dizer isso? Num elemento aparentemente simples, mas que tem muito a ver com a profundidade do simbólico: em comparação com outros períodos, muito raramente ou quase nunca os trabalhadores e posseiros mobilizados pela CPT produziram poemas e músicas, cantigas que expressam o sentido de suas práticas. Houve tempos em que foi muito rica a criatividade artística, musical, com temas e ritmos que pareciam salmos, na maior parte das vezes. É provável que as Romarias sejam as práticas que mais continuam a provocar esse tipo de criatividade. (Entrevista concedida em 15/09/2002).

A análise de Poletto é bastante fecunda no que tange à mística e à produção cultural e artística dos trabalhadores (mesmo com as limitações e o descompasso já explicitado). Realmente as romarias são significativas, elas contribuem para esse processo de criatividade, de diversidade e também para a prática da fé e da espiritualidade desses sujeitos extremamente carentes, com históricos de vida tão diferenciados e que ainda no seu imaginário vêem a religião como uma opção, uma alternativa para uma vida melhor aqui na terra e além desta, no Paraíso. Como afirma Rubem Alves (1999: 31) “não, não estou dizendo que a religião é apenas imaginação, apenas fantasia. Estou sugerindo que ela tem o poder, o amor e a dignidade do imaginário”.

Os anos da década de 1990 foram marcados pelo processo da globalização, a implementação do neoliberalismo e a valorização do individualismo-egocentrista. No aspecto religioso, o catolicismo perdeu fiéis, houve o crescimento de novas religiões, de seitas com características que valorizam o espiritualismo e não a espiritualidade.

No que tange aos agentes de pastoral da CPT, esses, além de reduzidos em quantidade, apresentavam e ainda apresentam dificuldades de compreensão da realidade social, cultural e religiosa dos trabalhadores rurais. É nesse contexto que é necessário compreender os limites e potencialidades da mística na luta pela terra e na terra.

Entendida como um mistério por seus integrantes, a prática da mística com os seus respectivos símbolos na CPT tem o papel de os animar, de os fortalecer na luta para atingir os seus objetivos. Mas o uso da mesma entrou em declínio, limitando os avanços nas lutas. Isso se refletiu e se reflete na sua atuação nas ocupações de terra, nos trabalhos desenvolvidos nos acampamentos e assentamentos.

Por outro lado, nesse contexto de crise foi possível à CPT sublinhar o aspecto da água e dos direitos, ampliando assim o seu leque de reivindicações, abrangendo com vigor a questão ecológica. A natureza, a água, a fauna e a flora passam a ter (segundo a entidade) um caráter sagrado, assim qualquer tipo de agressão ou mau uso, concentração ou privatização daquela, é vista como pecado, e com a sua natureza profética cabe à ela, inspirada nos profetas do Antigo Testamento, denunciar às autoridades nacionais e, se julgar procedente, denunciar às autoridades internacionais.

As considerações aqui apresentadas sobre a mística e os símbolos da CPT na luta pela terra não devem ser consideradas definitivas, pela própria natureza da temática e do objeto de estudo. Outras análises estão sendo feitas e elas deverão ser completadas com estudos de outros pesquisadores, o que certamente virá contribuir para uma compreensão mais profunda e rigorosa desse universo simbólico dessa entidade eminentemente pastoral e profética.

Bibliografia

- ALVES, Rubem. O que é Religião? São Paulo: Loyola, 1999.
- BASSANI, Paulo. Núcleo de Assalariados Rurais Temporários: Lugar de Resistência e de Descoberta. Tese de Doutorado. PUC-SP, 1999.
- BAUMAN, Zigmunt. Modernidade Liqüida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BEOZZO, José Oscar; REBOUÇAS, Aldo Cunha, et al. Água é Vida: Dom de Deus e Responsabilidade Humana. São Paulo: Paulus, 2003.
- BOGO, Ademar. Sem Terra. As Músicas do MST. São Paulo: MST, 1996.
- _____. A vez dos valores. Caderno de Formação nº. 26. São Paulo, MST, 1998.
- _____. O Vigor da Mística. Caderno de Cultura nº. 2 MST. São Paulo: MST, 2002.
- CNBB – Setor Pastoral Social. As Pastorais Sociais na Virada do Milênio. São Paulo: Loyola, 1999.
- ELIADE, Mircea. Tratado de História das Religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BOFF, Leonardo. Introdução. In: MESTRE ECKHART, Johannes. O Livro da Divina Consolação e Outros Textos Seletos. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos, Ensaio de Teologia Narrativa. Petrópolis, Vozes, 2003.
- _____. BETTO, Frei; BOGO, Ademar. Valores de Uma Prática Militante. Caderno nº. 9. São Paulo: Consulta Popular, 2001.
- CASTORIADIS, Cornelius. A Instituição Imaginária da Sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- DALLAGNOL, Wilson. As Romarias da Terra no Rio Grande do Sul – Um Povo a Caminho da “Terra Prometida”. Porto Alegre: CPT, 2001.
- DERMI, Azevedo (coordenador). Pe. Josimo: A Velha Violência da Nova República. São Paulo: Ícone, 1986.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GIRARD, Marc. Os Símbolos na Bíblia. São Paulo: Paulus, 1997.
- GODELIER, Maurice. O Enigma do Dom. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

- GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- MALVEZZI, Roberto. Fazer Água. In: CPT Água de Chuva – O Segredo da Convivência com o Semi – Árido Brasileiro, São Paulo, Paulinas, 2001.
- MAY, Roy H. Los Pobres de la Tierra: Hacia una Pastoral de la Tierra. San José: DEI, 1986.
- PAIVA, Vanilda. Igreja e Questão Agrária. São Paulo: Loyola, 1985.
- SOUZA, Marcelo de Barros; CARAVIAS, José L. Teologia da Terra, Desafios da Vida na Sociedade. Petrópolis: Vozes, 1988.
- STEDILE, João Pedro. Questão Agrária no Brasil. São Paulo: Atual, 1997.
- _____. Latifúndio: O Pecado Agrário Brasileiro. São Paulo: MST, 2000.
- VALIM, Ana. Migrações: Da Perda da Terra à Exclusão Social. São Paulo: Atual, 1996.

Periódicos

DAL CORSO, Marco. Igreja da Denúncia e Silêncio dos Fiéis – História da Igreja do Acre Vista Pelos Lavradores (1970-1990). In: Revista Eclesiástica Brasileira n.º. 56. Petrópolis: ITF – Instituto Teológico Franciscano, março de 1996.

Jornal dos Trabalhadores Sem Terra. Edição Especial – N.º. 8 – abril de 2003.

Jornal Folha de São Paulo, 14/12/2003.

Boletins da CPT

Boletim ago/set. 95.

Boletim n.º 155, mar./abr./mai./ 99

Boletim, n.º 156, ago./set./out./99.

Entrevistas

Padre Antônio Ferreira Naves, assessor da CPT do estado de São Paulo. Entrevista concedida ao autor em 12/07/2003.

Ivo Poletto, ex-padre, foi um dos fundadores da CPT e primeiro secretário da entidade. Entrevista concedida ao autor em 15/09/2002.

Marco Dal Corso, professor universitário e pesquisador da Igreja e a questão agrária no Brasil. Entrevista concedida ao autor em 31/07/2003.

Roberto Malvezzi (Gogó), membro da equipe de coordenação da CPT nacional. Entrevista concedida em 08/01/2004.

Padre Severino Leite Diniz, assessor e membro da equipe de coordenação da CPT do estado de São Paulo. Entrevista concedida ao autor em 10/01/2004.

Maria de Lourdes Pereira (Lurdinha), ex-membro da equipe de coordenação da CPT de Promissão-SP e da equipe ampliada.. Entrevista concedida ao autor em 16/01/2004.

Dom Mauricio Grotto de Camargo, bispo coadjutor de Assis e responsável pela CPT do estado de São Paulo. Entrevista concedida ao autor em 26/07/2003.